

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Ceifeiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 155-159. ISBN: 972-774-133-9.

Ceifeiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Apanhador de trigo, Ceifador, Ceifador de Trigo, Ceifão, Ceifeira, Ceifeiro-ratinho, Espigadeira, Gadanhador, Gadanheiro, Obreiro que andar a jornal a segar o pão, Homem de segada, Palheiro, Quinteira, Quinteiro, Respigadeira, Segadeira, Segador, Serviço de Gadanha, Trabalhador da ceifa, Trabalhador do pão, Trabalhadora da ceifa.

“A ceifa era uma operação geralmente efectuada por trabalhadores temporários, frequentemente por ranchos de trabalhadores vindo de outras regiões (...) é trabalho violento, pois a um calor depauperante vem juntar-se o alargamento dos horários próprio da época e da tarefa. Trabalhando-se de sol a sol com 2 intervalos de 1 hora para almoço e merenda, e um de 2 horas e meia ao jantar, seguido de sesta...” (Oliveira Baptista, 1982).

Ceifeiro ou *Ceifeira*, tal como **Mondadeira*** ou **Debulhador*** / *Debulhadeira*, **Cavador***, etc., não eram profissões, mas ocupações desempenhadas durante uma época do ano agrícola. Assim, são pouco frequentes as referências a estas profissões em fontes como os livros de contas das grandes lavouras, utilizando-se preferentemente as expressões *Mulheres*, *Homens*, *Raparigas ceifando*, *mondando*, *debulhando*. As designações mais antigas para esta actividade remotam à época medieval, com o *Apanhador de trigo*, o *Homem de segada* (Sto. Tirso, 1459, in Melo, 1995) e o *Segador de searas* (Marques, 1981). Os Forais Manuelinos apresentam as categorias de *Segador*, *Segador do Pão*, *hobreiro que andar a Jornal a segar o pam*, *Ceiffoens* / *çeiifeiro* / *çeiifeiro* / *ceyfeyro* / *ceyfeiro* e *Trabalhador do pam*. Nos livros de décimas encontramos também referência a *Seifeiros Rendeiros* (Avis, 1690) e no hospital da Misericórdia de Avis entre 1860 e 1885 foram internados vários *ceifadores de trigo* / *Seifador trabalhador* / *seifador* / *sefêiro* / *Ceifeiro*.

Silva Picão descreve o *Ceifador*, e confirma que no Alto Alentejo nos finais do século XIX a quase totalidade das searas eram ceifadas por “homens da Beira, que de propósito arribam todos os anos ao Alentejo para se ocuparem exclusivamente na sega

dos cereais” (Elvas, 1903), o que remete para os Ceifeiros-**Ratinhos***. Neste caso, os ranchos eram pagos em dinheiro e contratados por um **Engajador***. Quanto aos trabalhadores locais, era frequente no Alentejo os homens concentrarem-se nas chamadas *praças de jorna*, onde os **Manageiros*** ou os **Capatazes*** dos **Lavradores*** se deslocava para o seu recrutamento. As mulheres, como não frequentavam os espaços públicos pelo menos de forma tão afirmativa, eram recrutadas nas suas casas pelos mesmos manageiros ou manageiras.

Nas Caldas a ceifa era feita por homens e mulheres com a foice ordinária, deixando-se o trigo “em pareas” as quais juntando-se iam formando “rolheiros” que ao amanhecer eram atados a maior parte das vezes com barços do mesmo trigo (Silva Júnior, 1868). Nas Beiras e no norte em geral, as dimensões das searas não justificavam a contratação de grandes ranchos. Era mais frequente a colaboração entre vizinhos e a partilha do trabalho a troco das refeições. Quanto se justificava a mão-de-obra extra, os ceifeiros eram pagos em partes de searas, situação que durou até meados do século XX, designando-se *Terceiros* ou *Quinteiros*, consoante recebiam 1/3 ou 1/5 da seara (ver **Seareiro***). Estes trabalhos também podiam ser desempenhados por mulheres. Leonor Buescu, no seu trabalho etnográfico sobre Monsanto em 1958, refere uma “Hermínia Jagá. Ela foi quinteira e apanhadeira, conhece todas as lidas campestres e todas as crendices e histórias”. Esta autora descreve ainda o trabalho da *Espigadeira* ou *Respigadeira*, “Mulher que na ceifa segue os segadores para apanhar as espigas que escapam”, ou que os ceifeiros não cortaram. Estes trabalhos aparentemente mais leves eram deixados para as mulheres, assim como “sachar milho ou segar erva”, descritos por Camilo Castelo Branco nas suas *Novelas do Minho*. Contudo, as mulheres também participavam nos grandes trabalhos da ceifa no Ribatejo e no Alentejo. Por exemplo, na Lavoura de Palma em 1872 encontramos várias mulheres a ceifar trigo e arroz, com salários inferiores aos dos homens. Em 1878, na mesma herdade, as jornas das ceifas foram pagas com uma variação entre 160 a 900 réis, observando-se que os homens ganharam, na sua maioria 400 réis por dia, enquanto 76% das mulheres ganharam 180 r./d. e as restantes ganharam 160 r./d.

**Lavoura de Palma:
Salários Masculinos na Ceifa**

Salários (em réis)	1872/73		1878/79		1897/98	
	Jornaleiros	%	Jornaleiros	%	Jornaleiros	%
100					1	0,14
140					3	0,42
160			5	1,16		
180	1	0,16	5	1,16	2	0,28
200	6	0,99			1	0,14
220	7	1,15	5	1,16		
240	12	1,97			3	0,42
260	6	0,99	17	3,95	2	0,28
280	18	2,96	37	8,60	4	0,55
300	53	8,70	5	1,16	5	0,69
320	126	20,69	72	16,74	45	6,23
340	31	5,09	8	1,86	9	1,25
360	217	35,63	19	4,42	29	4,02
380	2	0,33			1	0,14
400	10	1,64	241	56,05	12	1,66
420	13	2,13				
440	59	9,69	12	2,79	3	0,42
460					18	2,49
480	46	7,55				
500					295	40,86
520	2	0,33				
540					13	1,80
560					9	1,25
600			2	0,47	257	35,60
620						
640					10	1,39
900			2	0,47		
Total de jomas	609		430		722	
Salário Modal	360		400		500	
Salário Médio	355,6		361,7		509,3	

Salários Femininos na Ceifa

Salários (em réis)	1872/73		1878/79		1897/98	
	Jornaleiros	%	Jornaleiros	%	Jornaleiros	%
120					2	2,47
140					8	9,88
160			5	23,81	4	4,94
180			16	76,19	1	1,23
200					19	23,46
240					22	27,16
260	4	10,81			24	29,63
280	3	8,11				
300	30	81,08			1	1,23
Total de jomas	37		21		81	

Salário Modal	300		180		260	
Salário Médio	294		175,2		219,7	

Apesar da designação de ceifeira não ser muito frequente nas fontes institucionais, encontra-se bastante na literatura e na iconografia. Leite de Vasconcelos (1933) usa o termo de *Segadeira* e nos censos e estatísticas de 1968 e 1979 a classificação institucional é a de *Trabalhadora da Ceifa* e de *Trabalhador da ceifa*. Além do trabalho da ceifa do cereal, a *assêfa* (na oralidade), os ranchos de ceifeiros realizavam as tarefas relacionadas com a sua recolha, transporte e debulha (ver **Atador***, **Debulhador***, **Malhador***). Quando se tratava de fenos para alimentar o gado, em vez da foice era usada a gadanha, manejada por homens *Gadenhado*, *Godenhado* ou em *Serviço de Gadanha* (Palma, 1881-89). Segundo Silva Picão, o *Gadanheiro* ou *Gadanhador* era o homem que “de empreitada ou a jornal e com ferramentas suas procedem ao corte ou *gadanha dos fenos*. Em regra não saem da ganharia, mas sim de entre os que trabalham como jornaleiros nas herdades e fora. (...) A faina da gadanha dura ordinariamente desde os fins de Maio até fins de Junho” (Picão, Elvas, 1903). No final da ceifa ficava na terra o *Restolho*, que era usado como alimentação para os gados. Estas palhas também podiam ser acumuladas em fardos pelos *Enfardadores* (ver **Atador***). Os fardos de palha são chamados “papo-secos” na gíria alentejana, por serem a parte seca do pão, designação habitual do trigo e servirem de base da alimentação do gado, tal como o pão o é para os homens.

A introdução da mecanização na agricultura começou em épocas variadas, consoante a capacidade inovadora dos lavradores. Devido ao seu elevado custo e necessidade de rentabilização, a aquisição destes instrumentos teve maior viabilidade nas grandes lavouras Alentejanas e Ribatejanas, onde alguns grandes empresários agrícolas começaram a investir progressivamente a partir de meados do século XIX. Um dos primeiros tipos de máquinas a funcionar foi a debulhadora fixa, enorme, barulhenta e mal-cheirosa, que muito assustou as populações rurais. A resistência à inovação manifestou-se por vezes de forma violenta, como se queixa o lavrador de Santarém Jacinto de Almeida Falcão: “Os trabalhadores receberam mal este invento, e sítios há em que se têm oposto ao trabalho das máquinas, espetando paus, e lançando pedras nos campos...” (Falcão, 1858). Esta revolta estava ligada ao problema do desemprego sazonal e das exigências salariais nas épocas das ceifas. Quando José Vaz Monteiro escreve na *Revista Agronómica* que a máquina da ceifa “liberta” o lavrador do jugo

imposto na época das colheitas pelo “déspota ceifeiro”, não se está a reportar a um grupo específico, mas aos trabalhadores sazonais que aproveitam as épocas de maior requisição de trabalho agrícola para exigirem salários mais elevados que, de certo modo, os vão compensar das épocas em que o trabalho escasseia e os salários se depreciam. Daí que muitos trabalhadores considerassem que as máquinas lhes faziam concorrência, diminuindo a sua capacidade reivindicativa. No entanto, os apologistas da mecanização defendiam-na precisamente pelo facto das máquinas pouparem aos ceifeiros o esforço desumano que a sua actividade exigia: em 1857 escrevia Andrade Corvo que “É a ceifa dos cereais um dos mais penosos trabalhos que os operários do campo executam; particularmente no nosso clima, na época mais calma do ano, debaixo da acção de um sol ardentíssimo, e na posição violenta em que o uso da foice obriga os operários a colocar-se. Trabalho tão penoso tão arriscado não pode deixar de ser pago por muito elevado preço”, daí “a utilidade em substituir à foice um instrumento mais perfeito, e sobretudo em substituir ao trabalho braçal do homem o trabalho mais económico e mais rápido de uma *máquina de ceifar*”.

Ao longo do século XX o movimento de mecanização da agricultura sofreu oscilações motivadas pela política proteccionista e de baixo preço dos cereais. Com o elevado êxodo rural que se verificou sobretudo a partir dos anos 50 e 60, a capacidade reivindicativa dos trabalhadores rurais aumentou. Em 1962 foi introduzida a modalidade das 8 horas de trabalho diário (ver **Jornaleiro***), o que alterou significativamente os ritmos das ceifas. Como resposta, ao longo das décadas de 50 a 70, a lavoura de cereais assistiu a um movimento de especialização e mecanização muito maior do que em qualquer outra época (ver **Alugador de Máquinas***) e os *ceifeiros*, assim como os **Boieiros***, **Maiorais de Mulas*** e *carreiros* (ver **Almocreves***) foram praticamente todos substituídos pelas ceifeiras-debulhadoras, enfardadeiras, pelos tractores mais variados e por outras alfaias agrícolas mecanizadas.